

Contribuições dos Manuscritos do Mar Morto para o conhecimento da Bíblia

Contributions of the Dead Sea Scrolls to Biblical Knowledge

 Valmor da Silva¹

Submetido em 12/05/2025

Aceito em 06/12/2025

RESUMO

O artigo apresenta dez contribuições dos Manuscritos do Mar Morto com relação ao texto bíblico. Diversos aspectos se destacam, tais como a fidelidade ao texto, a criatividade na sua interpretação, a diversidade de traduções, os processos editoriais, a evolução do alfabeto e as famílias de textos. As contribuições incidem, principalmente, sobre a Bíblia Hebraica e o Judaísmo, mas influenciam também a compreensão do Novo Testamento e do Cristianismo. O artigo objetiva demonstrar, através de exemplos ilustrativos, a importância das descobertas dos Manuscritos de Qumran para a compreensão do texto bíblico e do seu contexto religioso. Nesta hipótese de trabalho, a maior descoberta de manuscritos do século XX oferece a melhor fonte de informações para corrigir e ampliar a compreensão do texto bíblico e do seu entorno. Espera-se, como resultado, apresentar uma parcela das contribuições, em vista do incremento de estudos bíblicos e teológicos que tomem em conta os textos da comunidade de Qumran.

Palavras-chave: Qumran, Manuscritos do Mar Morto, crítica bíblica, textos bíblicos.

1 Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
E-mail: lesil@terra.com.br

ABSTRACT

The article presents ten contributions of the Dead Sea Scrolls in relation to the biblical text. Several aspects stand out, such as fidelity to the text, creativity in its interpretation, diversity of translations, editorial processes, the evolution of the alphabet and families of texts. The contributions focus mainly on the Hebrew Bible and Judaism, but also influence the understanding of the New Testament and Christianity. The article aims to demonstrate, through illustrative examples, the importance of the discoveries of the Qumran Manuscripts for the understanding of the biblical text and its religious context. In this working hypothesis, the greatest discovery of manuscripts of the 20th century offers the best source of information to correct and expand the understanding of the biblical text and its surroundings. As a result, it is expected to present a portion of the contributions, in view of the increase in biblical and theological studies that take into account the texts of the Qumran community.

Keywords: Qumran, Dead Sea Scrolls, Biblical Criticism, Biblical texts.

1. Introdução

As contribuições dos Manuscritos do Mar Morto², com relação aos estudos da Bíblia, são de magnitude incalculável. Apesar da grande importância, sua integração aos cursos de Teologia e aos estudos bíblicos é ainda tímida e vagarosa. Entretanto: “Os Manuscritos do Mar Morto certamente constituem a maior descoberta de manuscritos do século XX no que concerne aos estudos bíblicos” (Shanks, 1993, p. xiii). A mesma convicção repercute no Brasil: “Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto foram a maior descoberta científica do milênio passado para o estudo da Bíblia, tanto pela quantidade como pela qualidade dos escritos” (Perondi, 2011, p. 106). Além do interesse pela região, a partir da descoberta dos manuscritos, em 1947, “nada superaria em importância os ‘Manuscritos de Qumran’, considerados no espaço acadêmico como uma das maiores descobertas arqueológicas da Contemporaneidade e a mais importante descoberta de textos hebraicos da história” (Vieira; Andrade, 2024, p. 647-648).

Esses Manuscritos abriram panoramas insuspeitados em nossa compreensão da história, da cultura, da religião e da língua da Palestina, no período que precedeu a destruição do Templo, entre os séculos II a.C. e I d.C. Sem eles, o estudo da Bíblia, do Judaísmo e do Cristianismo como fenômenos históricos seria hoje impensável.

- 2 A terminologia não é uniforme: Textos (Rolos, Pergaminhos) de Qumran (Qumrā, Qumrâ); Manuscritos do Mar Morto, Manuscritos do Deserto de Judá. A designação original é *Megillot yam ham-melah* (Rolos do Mar Morto) e se refere aos achados das 11 grutas. *Megillot midbar yehudah* (Rolos do Deserto da Judeia) refere-se às localidades em que foi encontrado o material (Francisco, 2008, p. 383). Manuscritos do Mar Morto é o nome mais usado, e se refere aos manuscritos encontrados na região do Mar Morto. Manuscritos de Qumran refere-se mais à comunidade que teria produzido os textos e que ocupou uma construção destruída no ano 72, pelos romanos. Ambas as designações são empregadas de maneira equivalente, como se fará no presente texto (García Martínez, 1995, p. 15-16).

Os textos de Qumran mudaram nossa maneira de perceber a formação da Bíblia Hebraica. Além de cópias de textos bíblicos, apresentam literatura parabíblica e, praticamente todos os Manuscritos contêm, de alguma forma, referências à Bíblia.

A grande importância dos textos de Qumran reside no fato de apresentar documentos originais, do período anterior à primeira guerra judaica. A antiguidade desses documentos foi confirmada pela datação paleográfica. “Os documentos foram escritos entre aproximadamente 250 a.C. e 68 d.C.” (Shanks, 1993, p. xvii). Tais documentos lançam luzes, portanto, sobre o período mais importante da formação do texto bíblico, da época do segundo templo, do Judaísmo, e do período inicial do Cristianismo, entre 516 a.C. até 70 d.C. (Leite, 2013, p. 13).

O estudo que segue visa apresentar algumas das tantas contribuições dos Manuscritos do Mar Morto para com os estudos bíblicos, idealmente organizadas em dez itens.

2. Cópias de textos bíblicos

Grande parte da literatura de Qumran são cópias literais do texto bíblico. Toda a Bíblia Hebraica está representada, com exceção do livro de Ester³. De alguns livros temos, inclusive, várias cópias, como é o caso de Gênesis (15 manuscritos), Isaías (21), Salmos (36) e outros⁴.

A literatura parabíblica também está bem representada. Foram encontrados textos deuterocanônicos e apócrifos. Dentre os deuterocanônicos, que não vieram a fazer parte da Bíblia Hebraica, há cópias ou fragmentos de Tobias, Eclesiástico, Carta de Jeremias ou Baruc e Salmo 151 (Perondi, 2011, p. 208-209).

Não foi achado nenhum texto do Novo Testamento, apesar de algumas tentativas em identificá-los, mas Qumran iluminou muitas passagens neotestamentárias. As contribuições, com relação aos Cristianismos originários, são inúmeras, como se verá adiante.

Trata-se de literatura religiosa, onde o “profano” não tem lugar. O que predomina são as cópias do texto bíblico, ou literatura referente a ele. Mas Qumran adquire importância também pela quantidade de material descoberto. No total, são mais de 800 manuscritos. Destes, a quarta parte são cópias de livros bíblicos. Outros, cerca de 600 manuscritos, ilustram a literatura religiosa da época. Uns 275 ou 300 manuscritos contêm material fragmentário, de difícil interpretação (García Martínez, 1996, p. 16).

3. Fidelidade das cópias da Bíblia

Sendo uma quarta parte dos Manuscritos de Qumran constituída de textos bí-

3 Não há uma explicação plausível para essa ausência. “Coincidência ou não, este é o único livro da Bíblia Hebraica onde não se menciona o nome de Deus” (Shanks, 1993, p. xix).

4 Para a lista completa dos manuscritos de livros bíblicos, pode-se conferir Perondi (2011, p. 208); e Leite (2013, p. 121).

blicos, eles atestam a preocupação dos copistas em se manterem literalmente fiéis, dado que transmitiam escrituras sagradas. Mesmo os três quartos considerados não bíblicos, são perpassados por citações e por interpretações de textos bíblicos. De qualquer forma, a preocupação com a Bíblia é central, a ponto de Trebolle Barrera (1996a, p. 542) afirmar: “A principal atividade dos membros da comunidade de Qumran era o estudo da Escritura”. E Neves (1971, p. 91) assevera: “Os documentos de Qumran, quer bíblicos quer extra-bíblicos representam uma verdadeira antologia bíblica”.

A comprovação da fidelidade dos copistas dos textos sagrados foi atestada cabalmente. Ao comparar textos bíblicos de Qumran, de dois mil anos atrás, com o texto massorético, medieval, observam-se mínimas diferenças.

O rolo de Isaías comprova a fidelidade com que o texto foi transmitido ao longo de mais de mil anos. Considere-se que o primeiro rolo de Isaías foi copiado por volta dos anos 125-100 a.C. Entretanto, “o texto de Isaías que hoje se pode ler numa Bíblia hebraica e nas correspondentes traduções para qualquer língua moderna é o mesmo que liam os contemporâneos de Cristo” (Trebolle Barrera, 1996b, p. 127).

4. História da transmissão dos textos

A compreensão da história da transmissão do texto bíblico foi ampliada, pois os Manuscritos do Mar Morto possibilitaram comparar suas cópias antigas com outras posteriores, ao longo de séculos, e verificar a fidelidade com que os copistas reproduziram os textos. As mínimas mudanças foram feitas, em geral, de maneira intencional e chamam a atenção dos pesquisadores (Vieira; Andrade, 2024, p. 648).

Não há indícios, nesses Manuscritos, de canonicidade, tal como posteriormente se identifica nas coletâneas Lei, Profetas e Escritos. Sendo Manuscritos anteriores a esse processo de canonização da Bíblia, “seu estudo permitiria conhecer o processo de formação e de fixação do texto bíblico, ajudaria a controlar ou a corrigir os grandes códices medievais que formam a base de nossas Bíblias hebraicas” (García Martínez, 1995, p. 30).

A fidelidade aos textos implicava também um processo de interpretação criativo. Diferentes tradições conviviam numa pluralidade de teologias, pela busca do mistério a ser decifrado nos escritos (Leite, 2013, p. 107-109).

Algumas variantes textuais podem ser exemplificadas no Segundo Canto do Sêro de Yhwh (Is 49,1-6), argumentação transcrita de Silva (2006, p. 265)⁵.

“Yhwh colocou-me para flecha apontada, em sua aljava escondeu-me” (Is 49,2). A expressão “para flecha” (*leḥeš*), em Qumran sofreu uma tentativa de correção para “como flecha” (*keḥeš*), isto é, a letra *kaf* foi rabiscada sobre a *lamed*.

No mesmo versículo, antes de “em sua aljava”, há uma palavra extra que foi parcialmente obliterada. Ela não consta no Texto Massorético nem em editores de Qumran. Está parcialmente raspada, mas pode ter sido uma tentativa abandonada pelo escriba

5 O texto de 1QIs^a, em *fac simile*, bem como sua tradução para o inglês e a explicação das variantes encontra-se em F. Moeller (2024). A explicação aqui apresentada é uma tradução livre e explicativa a partir dessa fonte.

ao tentar escrever a próxima palavra, que não coube mais nesta linha e que inicia a linha seguinte, no manuscrito. De fato, a palavra raspada parece representar as primeiras três letras *be'āš*, de *be'āšpatô* (na aljava dele).

“Para nada e vento, minha força gastei” (Is 49,4). No Texto Massorético, o servo afirma “para nada” (*letohu*), Qumran escreve *letoah*, um provável erro de ortografia.

“Disse Yhwh, que me modelou do seio para servo para ele” (Is 49,5), no Texto Massorético a expressão “que me modelou”, mais literalmente “o modelante meu” (*yošeriy*), Qumran substitui por *yošereyka*, isto é, “o modelante teu”, sendo o verbo no participípio, mais sufixo de segunda pessoa feminino singular, o que torna a referência a Israel como pessoa feminina. Mas a referência seguinte volta ao masculino, em 49,6, “é pouco que tu sejas”, onde o pronome “tu” é masculino.

“Para levantar as tribos de Jacó e os sobreviventes de Israel para fazer voltar. E te dou para luz de nações, para ser minha salvação até as extremidades da terra” (Is 49,6). Curiosamente, a ordem Jacó e Israel é invertida, em Qumran, para Israel e Jacó, de tal forma que se lê “tribos de Israel e sobreviventes de Jacó”. Na mesma expressão, a palavra corrigida como “sobreviventes” (*nešurê*), em Qumran é *neširê* (reberos). Essa importante palavra tem significado místico em Isaías. Aqui, em Qumran, ela adquire possivelmente sentido messiânico.

No final de Is 49,6, a palavra “extremidade” (*qešeh*) em Qumran é pluralizada para “extremidades” (*qešey*).

5. Evolução do alfabeto e da escrita

A evolução do alfabeto e da escrita, ao longo de séculos, pode ser melhor estudada, visto que a maioria dos termos que formam a base da língua hebraica e aramaica provém dos descobrimentos de Qumran.

Leite (2013, p. 105-106) sintetiza as pesquisas de Cross, quem reconheceu três tipos de escrita na documentação, ao precisar a origem cronológica dos textos. O tipo arcaico seria de 250-150 a.C.; o intermediário ou hasmoneu, de 150-50 a.C. e o herodiano de 50 a.C.-70 d.C.

A língua hebraica dos textos de Qumran, embora utilize o mesmo alfabeto do Texto Massorético, possui diferenças, com relação ao hebraico bíblico, constituindo-se uma ramificação do hebraico pós-exílico. Tais divergências permitem caracterizar a língua hebraica nesse período entre o século II a.C. e o século I d.C. “Os textos encontrados em Hīrbet Qumran evidenciam que o hebraico empregado pela comunidade era falado, possuindo características tais como: coloquialismos, aramaização, empréstimos estrangeiros e linguagem popular” (Francisco, 2009, p.12).

A presença de manuscritos em aramaico e grego demonstra que tais idiomas também eram conhecidos pela comunidade. Dentre as características do hebraico de Qumran, pode ser exemplificada a tendência em usar grafias plenas, como ' (*alef*) para representar *a*; ou w (*waw*) para *o*, *u*; ou y para representar *i* longo e *e* (Francisco, 2009, p. 12).

6. Processo de formação da Bíblia

O entendimento do processo de formação da Bíblia, num e noutro Testamentos, foi modificado, graças às descobertas de Qumran.

Alguns livros encontrados demonstram uma espécie de segunda edição de textos, como é o caso de Jeremias, também Samuel, Ezequiel, Jó, Daniel, Ben Sirac e Tobias. Isso leva à pergunta, não raro, sobre qual das versões é a autêntica ou canônica (Trebolle Barrera, 1996b, p. 130).

“O quadro era, portanto, de pluralismo textual” (Leite, 2013, p. 106). Significa que os copistas não apenas repetiam o texto, mas também o resinificavam. A transcrição era feita em diálogo com os enigmas do mundo, em busca de novas respostas e explicações. Isso implicava num processo criativo, de reinterpretção das palavras da Escritura.

Cross (1993, p. 157-158) reconhece a existência de uma pluralidade de tipos de textos anteriores à Bíblia Hebraica, e identifica, baseado no Pentateuco e em Samuel, três famílias de textos. Vale afirmar que se desenvolveram três formas de texto, nas comunidades judaicas da Palestina, do Egito e da Babilônia, entre os séculos V e I a.C. O texto palestino, expansionista, tende a acrescentar novas interpretações, em escrita paleo-hebraica. O texto egípcio pode ser considerado uma ramificação do texto palestino antigo, e é encontrado em partes da Septuaginta. O texto babilônico forma a base da recensão rabínica, e se caracteriza por ser mais conservador, primitivo, com poucas expansões e revisões.

7. Crítica textual e crítica literária do texto bíblico

A crítica textual e literária do texto bíblico recebeu novas luzes, ajudando a perceber determinadas variantes textuais e os possíveis motivos de tais mudanças. As variantes textuais são atestadas tanto no Texto Massorético quanto nas demais versões bíblicas antigas. Transcrevemos, a seguir, os dois primeiros exemplos, de diversos outros apresentados por Francisco (2008, p. 395-396).

Em Ex 13,16, Qumran apresenta uma explicação do sinal do sacrifício do primogênito. Enquanto o Texto Massorético diz: “E será como sinal sobre a tua mão”, Qumran e Pentateuco Samaritano pluralizam: “E será como sinal sobre *as tuas mãos*”.

Em Dt 32,8b, no Cântico de Moisés, o Texto Massorético lê: “Fixou as fronteiras dos povos, de acordo com o número dos filhos de Israel”. Qumran e Septuaginta modificam: “Fixou as fronteiras dos povos, de acordo com o número dos *anjos de Deus*”. Símaco, Vetus Latina e Siro-Héxapla alteram para: “Fixou as fronteiras dos povos, de acordo com o número dos *filhos de Deus*”.

8. História e revisão da tradução da Septuaginta

A história da tradução grega da Bíblia Hebraica, conhecida como Septuaginta ou dos LXX ficou melhor esclarecida, desde suas versões anteriores, até sua revisão pelos comentaristas judeus.

A Septuaginta teve uma importância fundamental no Cristianismo, por ter sido a Bíblia utilizada pelos autores do Novo Testamento. No dizer de São Jerônimo, foi a Bíblia dos Apóstolos e foi também a Bíblia dos Padres da Igreja. A Septuaginta, entretanto, foi suplantada pela versão latina de São Jerônimo, conhecida como Vulgata e ficou esquecida por muitos séculos.

A partir das descobertas de Qumran, a Septuaginta ganhou especial atenção, devido à sua importância para a história da redação do texto bíblico. Muitas diferenças marcam a tradução dos LXX, sabidamente, com relação ao Texto Massorético. Tais diferenças foram explicadas, tradicionalmente, pela intenção dos tradutores, a partir de seu ambiente judaico alexandrino. Os manuscritos de Qumran demonstraram como, provavelmente, a Septuaginta depende de textos hebraicos anteriores ao Texto Massorético, o que explicaria diversas de suas variantes. Ao contrário da mentalidade tradicional, que considerou a versão grega apenas um estágio comprobatório do texto recebido, conhecido como Texto Massorético, a conclusão hoje é outra. “Porém a partir de Qumran foi comprovado que em alguns livros a Septuaginta é testemunho de uma edição do texto hebraico distinta do texto massorético e anterior a este ou coexistente com o texto consonântico proto-massorético” (Fernández Marcos, 2011, p. 1).

Neves (1971, p. 101) coincide na mesma afirmação: “Um estudo pormenorizado do livro de Isaías leva-nos à conclusão que o método de Qumrán foi amplamente utilizado pelos LXX, cronologicamente anteriores a Q pelo menos para alguns livros”. Destacamos alguns dos vários exemplos citados pelo autor⁶:

Em Is 33,2, onde o Texto Massorético lê “Sê o nosso braço (*gr'm*) de manhã em manhã”, a LXX substitui por “Sê nossa semente (*zr'*)”. Em Is 24,8, onde o Texto Massorético lê “O estrépito (*'ryšym*) das pessoas em festa (*'lzym* cessou”, a LXX substitui por “A soberba (*g'yn*) dos tiranos (*g'yn*) cessou”.

9. Comunidade alternativa

O conhecimento de uma comunidade alternativa às propostas oficiais, no momento em que se formavam o Cristianismo e o Judaísmo rabínico, abriu-nos as portas para novas formas de compreender o mundo judaico e o cristão.

Demonstra também o pluralismo textual da Bíblia e o pluralismo sócio-religioso do Judaísmo, como ilustra o Pentateuco Samaritano. Variantes comprovam interpretações que refletem a teologia dos samaritanos, difundida, então, por toda a Palestina. A principal delas muda Sião por Garizim, como lugar eleito por Yhwh. No décimo mandamento do Decálogo, introduz (depois de Ex 20,17) uma glosa tirada de Dt 27,28 e 11,29-30, para afirmar a centralidade do Garizim, local de culto samaritano (Trebolle Barrera, 1996b, p. 131-132).

Para além do testemunho do Pentateuco Samaritano, os diversos escritos de Qumran revelam a existência de uma comunidade específica, alternativa às propostas oficiais da época. Nesse sentido, deixam claro que o Judaísmo não era monolítico-

6 Para outros exemplos comparativos entre a Septuaginta e o Texto Massorético, confira Francisco (2008, p. 439-442).

co, como se pensava, mas múltiplo e variado. Qumran foi uma comunidade original, diferente e alternativa. Caracterizava-se por uma vivência radical do Judaísmo, com cumprimento rígido de determinadas normas, isolamento social, refeições em comum, pobreza radical e vivência celibatária. Radicalizou-se em aberta oposição ao Império Romano, com cuja derrota sonhava constantemente; e em oposição ao sacerdócio de Jerusalém, que considerava contaminado; vivia um culto alternativo, com hierarquia própria; em oposição aos fariseus e aos endinheirados que se faziam de pobres. Os textos de Qumran representam “uma comunidade que permanecerá durante um par de séculos fiel às diretrizes do Mestre de Justiça, vivendo na tensa espera escatológica que lhe marca as origens” (García Martínez, 1996, p. 22).

Puech (2012) apresenta, de maneira comparativa, alguns exemplos de textos bíblicos, interpretados em Qumran, e aqui sintetizados. O repouso sabático, prescrito em Ex 20,8-11, tem diversas interpretações estritas entre os essênios, em comparação com posições farisaicas abrandadas e em contraste com a liberdade de Jesus, que não ignora o repouso sabático, mas dispensa as casuísticas interpretativas contemporâneas⁷. Os exorcismos, prescritos em Qumran, possuem fundamentos mais difusos, mas registram fórmulas invocatórias do nome divino sobre o possesso, à diferença dos Evangelhos, em que Jesus realiza curas e exorcismos pelo próprio poder pessoal, como Filho de Deus, o que provoca a ira dos fariseus. A prática da crucifixão, aplicada a Jesus, e tida normalmente como uma pena do Império Romano, possui interpretações diversas de Dt 21,22-23, que levam a reconhecê-la como pena de morte, segundo correntes interpretativas diferentes no Judaísmo e explicitadas em Qumran. Tais interpretações explicam o processo condenatório de Jesus, pelo Sinédrio, por acusações de alta traição.

10. Literatura judaica de Qumran

A literatura judaica da época, em hebraico e aramaico, recebeu novos testemunhos, pois os Manuscritos do Mar Morto preencheram o vazio de uma importante época histórica, fornecendo-nos a maioria dos testemunhos em língua hebraica e aramaica, do período intertestamentário. Os textos literários de Qumran formam a maioria da literatura hebraica e aramaica não bíblica do período. Preenchem a lacuna entre o hebraico bíblico e o mishnico e entre o aramaico de Elefantina e o aramaico dos Targumim. Portanto, uma literatura religiosa à margem da vida oficial, livre da censura judaica e cristã, pode ser averiguada nesses textos, conforme García Martínez (1995, p. 30).

Além do “pluralismo textual” das cópias da Bíblia (Leite, 2013, p. 107), Qumran apresenta “uma biblioteca sectária” (García Martínez, 1995, p. 34). Trata-se da literatura religiosa de um grupo judaico à margem da oficialidade. Alguns exemplos dessa rica e variada literatura são elencados a seguir, conforme García Martínez (1995)⁸.

7 Comparações entre Qumran e o Novo Testamento, sobre o sábado e o messianismo, podem ser consultadas também em García Martínez (2009).

8 Puech (2012, p. 543) classifica a biblioteca qumraniana em livros ‘bíblicos’, parabíblicos ou peritesta-mentários e essênios. Para classificações detalhadas de todos os Manuscritos, incluindo os sistemas

Targumim (plural de *Targum*) são traduções aramaicas de textos da Bíblia Hebraica. Nesse caso, não se trata de simples tradução, mas de interpretação com possíveis transformações do sentido original do texto, aplicadas, no caso à própria comunidade qumranita. São exemplos o *Targum de Jó* e restos do *Targum do Levítico*.

Em Jó 42,9-10, por exemplo, o *Targum* (11QTargum Jó) acrescenta ao texto bíblico original o perdão de Deus e a sua misericórdia para com Jó. “¹[...] e fez [...] ²Deus; e escutou Deus a voz de Jó e perdoou ³os seus pecados por causa dele. E se voltou Deus /para Jó/ em sua misericórdia ⁴e lhe duplicou todas as suas propriedades” (García Martínez, 1995, p. 195).

Pesher é outro gênero típico de interpretação da Bíblia. A palavra *pesher* significa justamente interpretação. No caso, faz-se uma exegese do texto bíblico, aplicando-o à própria comunidade. São exemplos Isaías, Naum, Salmos, dentre outros.

Um bom exemplo de *pesher* se encontra na aplicação de Is 10,33-34 (4QPesher Isaías^a Frag. 8-10 col. III) à própria comunidade, identificada com os humildes da terra, para derrotar os romanos, ditos Kittim:

¹[(Is 10,33-34) Eis que o Senhor Deus dos Exércitos desgastará a ramagem de um golpe, os troncos mais] altos serão derrubados. ²[Os mais elevados abatidos. Serão cortados] os mais grossos do bosque com o ferro e o Líbano com o seu esplendor, ³[cairá. Sua interpretação (*pesher*) se refere aos] Kittim, que serão postos na mão de Israel, e os humildes ⁴[da terra...] todos os povos e os guerreiros desfalecerão e se derreterá seu coração... (García Martínez, 1995, p. 226).

Literatura parabíblica compreende textos que partem da Bíblia, mas ampliam seu sentido com outras tradições. Inclui material de origem e de gênero diversificados, como relatos, apocalipses, testamentos etc. *Paráfrases do Pentateuco*, por exemplo, combina citações literais com tradições desconhecidas. Sirva de exemplo o texto de Ex 20,12-17 (4QPentateuco Revisto^a Frag. 7-8).

¹[(Ex 20,12-17) a teu pa]i e à tua mãe [para que se prolonguem os teus dias sobre o solo que YHWH, teu Deus, te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não deporás] ²contra teu próximo testemunho falso. Não cobiçarás a mulher de [teu próximo, nem sua casa, nem seu servo, nem sua criada, nem seu asno, nem nada do que a teu próximo pertence.] (García Martínez, 1995, p. 263).

Textos haláquicos são textos normativos para a comunidade, com aplicação concreta da legislação bíblica. Fundamental é a *Carta Haláquica* 4QMMT (4QMiqsat Máaseh ha-Torah = Alguns dos preceitos da Lei).

Livros apócrifos são textos transmitidos por outras tradições, à margem da Bíblia oficial, como os *Livros de Henoc* ou o *Livro dos Jubileus*.

Regras são documentos que informam sobre a estrutura, forma de vida e de governo, práticas e pensamento, da comunidade ou comunidades às quais são dirigidos. Os textos fundamentais são *Regra da Comunidade* (1QS; 4QS) (S é Serek = regra) e

decimais para bibliotecas, pode-se conferir Wellisch (1989).

Documento de Damasco (CD ou *Cairo Damascus Document*), por causa da “exortação à nova aliança” feita “na terra de Damasco”.

Literatura de conteúdo escatológico inclui composições diversas, com uma mesma temática central: a exploração das realidades “dos últimos tempos”. Essa realidade do final dos tempos, a comunidade vivia como já presente e imediata. São exemplos a *Regra da Guerra* (4QM) e a *Regra da Congregação*, a *Descrição da Nova Jerusalém*, 11QMelquisedec, 4QTestimonia e 4QFlorilegium.

Textos litúrgicos são obras provavelmente utilizadas na liturgia. As *Orações cotidianas* e as *Orações festivas* trazem informações precisas das datas celebrativas.

Textos poéticos são composições poéticas cujo emprego litúrgico não é seguro. Inclui *Hinos* (1QHodayot), *Salmos apócrifos* etc, de origem qumrânica e não qumrânica.

Textos astronômicos, calendários e horóscopos são descrições dos corpos celestes ou dos turnos sacerdotais nas festas, além de uma espécie de horóscopo. Destacam-se o *Henoc Astronômico*, sobre movimentos do sol e da lua, e *Mishmarot*, espécie de calendário litúrgico.

Rolo de Cobre é assim chamado por se apresentar em duas placas de cobre. É uma espécie de mapa do tesouro do Templo, mas poderia se tratar de pura lenda folclórica. Seu conteúdo continua misterioso.

11. Relação entre Qumran e o Novo Testamento

No curso das discussões, houve diversas tentativas para identificar textos ou personagens do Novo Testamento com textos de Qumran. No entanto, como se trata de movimentos diferentes, o do Cristianismo e o dos qumranitas, cada qual seguiu um caminho próprio. Há semelhanças, naturalmente, por se tratar de dois movimentos paralelos, dentro do Judaísmo, no período que antecede a revolta judaica. Por isso, embora haja expressões comuns e aproximações temáticas, não se encontram menções explícitas a Jesus, a Paulo ou a João Batista nos Manuscritos (Perondi, 2011, p. 215-216).

A relação dos Manuscritos com o Novo Testamento foi o que mais atiçou a curiosidade das pesquisas logo após os achados. Dentre tantos, um cientista conhecedor do Judaísmo e do Novo Testamento, do porte de Klaus Berger, participou dessas intrigas sobre “Qumran e Jesus”, para discutir as hipóteses de “uma verdade escondida” (Berger, 1994).

García Martínez (2009) desfaz vários mitos inventados em torno à relação entre Manuscritos do Mar Morto e Novo Testamento. E explica elementos que aproximam as duas comunidades por trás dos textos. Ambas coexistiram durante algum tempo, em áreas geográficas próximas, no mesmo contexto palestinese, numa sociedade em crise, dominada pelo império romano. Ambas representam movimentos renovadores do Judaísmo, com características teológicas próprias. O autor conclui sua argumentação afirmando: “Os manuscritos do Mar Morto não nos explicam o Novo Testamento, porém, nos permitem compreender porque o Novo Testamento expressou as crenças dos primeiros cristãos na forma em que as fez” (García Martínez, 2009, p. 54).

Ao comparar a gênese do Cristianismo com os Manuscritos do Mar Morto, prin-

principalmente através dos hinos, Vieira (2008, p. 102) conclui: “Apesar de o movimento essênio ser bem mais amplo do que parece e ter sobrevivido até pelo menos 70 d.C. (ou seja, coexistiu com os cristianismos), é inseguro estabelecer paralelos terminantes com sua literatura”.

Entre diferenças e semelhanças, Qumran demonstra temáticas comuns, naquele contexto de resistência ao imperialismo romano. Comprova a riqueza do Judaísmo, com literatura ampla e diversificada. Confirma as expectativas messiânicas, no contexto apocalíptico do Judaísmo e na aurora do Cristianismo. Expõe uma angeologia rica e variada, como ilustrado no livro de Daniel e nos pseudepígrafos.

12. Para concluir

As contribuições dos Manuscritos do Mar Morto para com os estudos da Bíblia, naturalmente, não cabem nos limites de um breve texto como este. Mas aguçam a curiosidade para ampliar o interesse sobre o assunto, em suas múltiplas possibilidades.

Essas contribuições ainda não foram suficientemente avaliadas, devido, justamente, aos diversos campos de pesquisa que vislumbram. Mas permitem, pouco a pouco, avançar no entendimento dessa relação de textos e de grupos religiosos do período intertestamentário.

A riqueza desses estudos comparativos não foi ainda totalmente aproveitada. Mas as comparações possibilitam informações, sob diversos pontos de vista, para prosseguir a pesquisa.

A compreensão do texto bíblico foi esclarecida em vários aspectos, como a fidelidade ao texto, a criatividade na interpretação, a diversidade de traduções, os processos editoriais, a evolução do alfabeto e as famílias de textos.

O conhecimento da comunidade que produziu os textos destacou a riqueza e diversidade do Judaísmo na época, com vivências alternativas, com regras de vida próprias, com teologias diferenciadas e com práticas culturais alternativas.

A visão sobre o Cristianismo se ampliou, pelas evidências de um movimento paralelo àquele de Jesus da Galileia, com textos semelhantes, com ideais comuns e com expectativas similares.

Referências

- BERGER, Klaus. *Qumran e Jesus: uma verdade escondida?* Petrópolis: Vozes, 1994.
- CROSS, Frank Moore. O texto por trás do texto da Bíblia Hebraica. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 149-176.
- FERNÁNDEZ MARCOS, Natalio. Septuaginta versus Biblia Hebraica: la Biblia de los Cristianos. *Centro de Ciencias Humanas y Sociales: Informes y Documentos de Trabajo*, Madrid, p. 1-23, 2011. Disponível em <https://digital.csic.es/handle/10261/35743>. Acesso em 23 nov. 2024.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Língua Hebraica: aspectos históricos e características*. [São Bernardo do Campo: s. n.], p. 1-26, 2009. Disponível em https://www.academia.edu/40416388/L%C3%ADngua_Hebraica_Aspectos_Hist%C3%B3ricos_e_Caracter%C3%ADsticas_1. Acesso em: 27 mar. 2025.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. Os manuscritos do Mar Morto. In: GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TREBOLLE BARRERA, Julio (org.). *Os homens de Qumran: Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 11-29.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. Qumran e o Novo Testamento: mitos e realidades. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 31, p. 33-54, 2009. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18330/18330.PDF>. Acesso em: 29 nov. 2024.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Tradução de Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEITE, Edgard. *As origens da Bíblia e os Manuscritos do Mar Morto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Verve, 2013.

MOELLER, F. *Great Isaiah Scroll*. Disponível em <http://www.ao.net/~fmoeller/qum-40.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NEVES, Joaquim Correia das. Qumran: exegese histórica e teologia de salvação. *Didaskalia*, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 65-105, 1971. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/575>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PERONDI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. *Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 205-219, 2011. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449749237011.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PUECH, Émile. Quelques exemples d'apports des Manuscrits de Qumrân à l'étude du Judaïsme ancien. *Revue Biblique*, Jérusalem, v. 119, n. 4, p. 543-563, 2012.

SHANKS, Hershel. Cavernas e eruditos: uma visão geral. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. xiii-xxxvii.

SILVA, Valmor da. Escutai, ilhas! Leitura do segundo canto do Servo do Senhor, segundo Is 49,1-6. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. (org.). *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 258-272.

TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996a.

TREBOLLE BARRERA, Julio. Bíblia e interpretação bíblica em Qumran. In: GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TREBOLLE BARRERA, Julio (org.). *Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996b. p. 127-152.

VIEIRA, Fernando Mattioli. *Os manuscritos do Mar Morto e a gênese do Cristianismo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93415/vieira_fm_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 nov. 2024.

VIEIRA, Fernando Mattioli; ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. Os Manuscritos de Qumran e a Epístola aos Hebreus. *Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 647-657, 2024.

WELLISCH, Hans H. Classification on the Judean Desert Documents (Dead Sea Scrolls).

Estudos Bíblicos



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
 © 2025 aos autores.
 Publicado e Distribuído por ABIB



Revista Oficial da
 Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica